

PARA ALÉM DA PROVOCAÇÃO DE JAUSS: DA ESTÉTICA LITERÁRIA À ESTÉTICA MUSICAL

Luciano Nazario¹
Gabrielle Lauria²

Resumo

O presente artigo tem por objetivo vislumbrar os pontos de convergência entre as abordagens da estética da recepção proposta por Hans Robert Jauss no campo da literatura e da música, perscrutando até que ponto a leitura de uma obra literária pode se assimilar à leitura de uma obra musical. Metodologicamente, os(as) autores(as) deste estudo conduziram uma investigação bibliográfica que se concentrou na literatura científica nacional, abordando dois aspectos principais: (a) a utilização da estética da recepção proposta por Jauss como viés teórico e analítico, e (b) o enfoque em usos específicos da abordagem da estética da recepção de Jauss tanto em textos literários quanto musicais. Os resultados revelaram semelhanças nos processos de recepção em ambos os campos de estudo, uma vez que estes compartilham características semelhantes de *horizontes de expectativas*, bem como a presença das categorias fundamentais de *poiesis*, *aisthesis* e *karthasis*. Além disso, ambos os campos estão sujeitos a críticas que variam de acordo com a perspectiva adotada, seja ela moderna ou pós-moderna.

Palavras-chave: Jauss. estética da recepção. estética musical. horizonte de expectativa.

BEYOND JAUSS'S PROVOCATION: FROM LITERARY AESTHETICS TO MUSICAL AESTHETICS

Abstract

The present article aims to examine the points of convergence among the approaches of reception aesthetics proposed by Hans Robert Jauss in the fields of literature and music, investigating to what extent the reading of a literary work can be assimilated to the reading of a musical work. Methodologically, the authors of this study conducted a bibliographic investigation focused on national scientific literature, addressing two main aspects: (a) the use of reception aesthetics proposed by Jauss as a theoretical and analytical bias, and (b) the focus on specific uses of Jauss' reception aesthetics approach in both literary and musical texts. The results revealed similarities in the processes of reception in both fields of study, as they share similar characteristics of horizons of expectations, as well as the presence of fundamental categories of *poiesis*, *aisthesis*, and *katharsis*. Furthermore, both fields are subject to criticism that varies according to the adopted perspective, whether it is modern or postmodern.

Keywords: Jauss. reception aesthetics. musical aesthetics. horizon of expectation.

¹Doutor em Música pela Unicamp, Mestre em Composição Musical pela UFBA, Bacharel em Música pela Ufpel. Coordenador do Grupo de Estudos sobre Criatividade em Música, regente da Big Band da FURG. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4435-6693>. E-mail: lucianonazario@furg.br.

²FURG. Graduanda em Letras/Português, bolsista CNPq, Monitora de Produção Textual junto ao EAC. ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-4815-9823>. E-mail: gabriellelauria.123@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

A discussão sobre a relação entre música e linguagem não é um fenômeno de nossos tempos. Desde a Grécia clássica, acreditava-se que os sons musicais, assim como as palavras, produziam elementos sintáticos e semânticos capazes de influenciar o comportamento humano. As conversas realizadas entre Sócrates e Glauco no livro *A República*, por exemplo, mencionam os modos gregos Jônico e Lídio (escalas musicais que possuem organizações sonoras específicas) como capazes de suscitar embriaguez, moleza e indolência entre os guerreiros (Platão, 1949). Compreendia-se, portanto, que o fenômeno musical possuía gramática e significados inteligíveis e capazes de conduzir a sociedade grega. Assim como na Grécia clássica, encontramos inúmeros exemplos que estabelecem relações entre música e linguagem ao longo da história da música ocidental europeia³, e debates que versam sobre o fenômeno musical e suas relações com o fenômeno linguístico têm sido recorrentes na literatura científica contemporânea. Atualmente, estudos da área de neurociência cognitiva têm vislumbrado relações intrínsecas entre ambos estes fenômenos, principalmente no que diz respeito à sintaxe (e.g., Besson e Schön, 2006; Patel, 2003). Em contrapartida, parte da literatura musicológica e filosófica tem questionado argumentos que estabelecem associações entre música e linguagem, principalmente no que tange às questões semânticas (e.g., Adorno; Gillespe, 1993; Clark, 1982; Costa, 2004).

No Brasil, uma parcela da literatura científica que trata sobre a experiência estética musical parte do princípio de que a música pode ser entendida como linguagem e a recepção musical se assemelha, em determinados aspectos, à recepção literária. Tal viés é evidente principalmente em estudos que correlacionam os fenômenos sonoros com as propostas de Estética da Recepção presentes na área da literatura. Nesse sentido, este estudo buscou trazer uma discussão crítica sobre essa temática, tendo como ênfase a Estética da Recepção proposta por Hans Robert Jauss, escritor e crítico literário alemão. Embora o autor tenha enfatizado que seus escritos tenham como limitação e base a sua competência como especialista em literatura (Jauss, 2011), o mesmo destaca a possibilidade de futuras aplicabilidades de suas abordagens em disciplinas como arte e música (Jauss, 1994). Em *A história da literatura como provocação à teoria literária* Jauss sustenta que nenhum leitor deixa de sofrer influência das obras as quais

³ Haydn, compositor austríaco, por exemplo, decidiu, em 1790, realizar uma viagem estendida para a Inglaterra. Ao ser questionado por Mozart sobre suas poucas habilidades linguísticas, respondeu-lhe: “Minha língua é entendida no mundo inteiro” [referindo-se à sua música] (Kivy, 2007, p. 215).

consome, e, se pensarmos a “leitura” como todo processo de identificação de sentido, independente da natureza do texto recebido (Leffa, 1996), podemos, aqui, estabelecer as seguintes questões de pesquisa (QP):

- QP1: É possível uma estética da recepção musical segundo a proposta alvitada por Jauss? Se sim, como ela ocorre musicalmente?
- QP2: Levando-se em consideração as teses propostas por Jauss, podemos inferir que o leitor de uma obra musical está sujeito a interferências e influências similares a de um leitor de uma obra literária? Se sim, como?

O objetivo deste estudo, portanto, é compreender os pontos de convergência da Estética da Recepção proposta por Jauss nas áreas de literatura e música, possibilitando-nos perscrutar até que ponto a leitura de uma obra musical pode assemelhar-se ou não à leitura de uma obra literária. Este estudo é pertencente ao projeto “Influências dos espaços de experiências e horizontes de expectativas na construção do entendimento de criatividade musical”, financiando pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS), e faz parte das investigações realizadas pelo grupo *Grupo de Estudos sobre Criatividade em Música* da Universidade Federal do Rio Grande, um grupo interdisciplinar que conta com a participação de estudantes e pesquisadores profissionais das áreas da música, história, antropologia, psicologia e letras presentes em duas diferentes universidades brasileiras (a Universidade Federal do Rio Grande e a Universidade do Pampa). Além da contribuição no âmbito da estética da recepção, a presente investigação irá auxiliar a literatura científica contemporânea que trata sobre as relações entre fenômeno musical e literário, trazendo novos *insights* a pesquisadores interessados por esta temática.

2 MÉTODOS

Metodologicamente, os(as) autores(as) deste estudo realizaram uma investigação bibliográfica no Catálogo de Teses e dissertações da CAPES e no portal de periódicos da CAPES, além de pesquisas em site de metadados da literatura acadêmica (google *scholar*) e site genérico de busca (google). Para tais pesquisas, utilizamos as palavras-chave “Jauss”, “literatura” e “música”, delimitando o foco deste estudo à literatura científica nacional da área de letras e música. Foram identificados um total de 28 teses/dissertações (tendo apenas 16 textos disponíveis online para *download*) e 23 artigos no campo da literatura (de acesso aberto e revisado por pares), abrangendo o período de 2012 a 2022, com o objetivo de delimitar a textos

científicos mais contemporâneos. No campo da música foram encontrados apenas 4 dissertações e 5 artigos delimitados entre os anos de 2002 a 2022, considerando que a literatura musical sobre esse tema é mais escassa⁴. Os textos apresentados no Quadro 1 foram selecionados e organizados com base nos seguintes critérios: (a) foco em literatura; (b) utilização da estética da recepção proposta por Jauss como principal viés teórico e analítico; e (c) ênfase em usos específicos da abordagem da Estética da Recepção de Jauss, tanto em textos literários quanto musicais. Tais critérios foram utilizados para delimitar o escopo de estudo, possibilitando melhor aprofundar a discussão sobre os textos selecionados.

Quadro 1: Obras selecionadas para análise

Área	Teses/dissertações	Artigos
Literatura	Idade média e modernidade: a recepção crítica e criativa das cantigas do mar de vigo (Oliveira, 2010)	Duas abordagens para o ensino de literatura: leitura e estética da recepção (Brizotto, 2011)
	O otimismo na poesia de Augusto dos Anjos (Almeida, 2011)	Que significa a recepção dos textos ficcionais. (Stierle, 2011)
	A Estética Lobatiana em O presidente negro Ações e Recepções (Mota, 2012)	I Decameron de Pier Paolo Pasolini: da prosa medieval ao roteiro cinematográfico (Siega, 2012)
	Um estudo sobre os ensaios jornalísticos de Franklin de Oliveira: a face de uma das críticas Rosianas (Silva, 2012)	Historicizando a estética do desejo: uma busca do prazer (perdido) do texto (Murashima; Geordane, 2014)
	Poesia infantil e juvenil brasileira: Transformações e deslimites. (Oliveira, 2012)	Horizonte de expectativas pós 11 de setembro: a experiência de leitura em "Extremamente alto e incrivelmente perto" (Penteado, 2017)
	Leitores e leitoras de "Corações solitários" - alternativas para a abordagem de conto em sala de aula. (Rodrigues, 2012)	Balzac, Machado e a teoria dos espectros (Rosa, 2017)
	Estilo e linguagem na recepção crítica de grande sertão: veredas (Pereira, 2012)	Erico Verissimo: historiador literário (Santos, 2018)
	A recepção da tragédia Antígona, de Sófocles, na montagem de Luiz Paulo Vasconcellos (Rodrigues, 2013)	Por uma anatomia do gesto literário: design de si e exercício crítico em Laura Erber (Góis, 2019)
	A teoria da recepção e do efeito aplicadas ao texto literário de Machado de Assis e Edgar Allan Poe (Silva, 2013)	A tradução como particular experiência de leitura: Triz, de Pedro Sússekind (Martinaria, 2019)
		Ensino médio, o leitor e a literatura: os vários sentidos da teoria da recepção.

⁴ Os textos analisados da área da música abordaram exclusivamente o fenômeno sonoro, não inserimos estudos voltados para a análise de poesias em obras musicais.

	<p>A viagem do leitor entre a busca e o encontro: o efeito e a recepção em terra sonâmbula, de Mia Couto (Silva, 2013b)</p> <p>Os estudos da tradução e considerações sobre o processo tradutório de fragmentos de Ulysses, de James Joyce (Torres, 2014)</p> <p>A narrativa de Odette de Barros Mott e a formação do subsistema juvenil na literatura brasileira (Elias, 2015)</p> <p>A leitura literária no 9º ano do ensino fundamental à luz da estética da recepção. (Feitosa, 2016)</p> <p>O Grivo faz obra de atrovo: experiência estética em “Cara-de-Bronze”, de João Guimarães Rosa (Vidal, 2021)</p> <p>Recepção e horizontes de leitura do direito na tragédia grega: Prometeu prisioneiro, Antígone e as bacantes (Pereira, 2021)</p>	<p>(Sampaio, 2019)</p> <p>A recepção de Marcel Proust no Brasil: uma perspectiva a partir da teoria de Jauss (Furtado, 2021)</p> <p>Análise de poesia em libras com base na teoria de experiência estética de Jauss (Lopes <i>et al.</i>, 2022)</p>
<p>Música</p>	<p>Mediação música e sociedade: uma análise das perspectivas ideológicas e estéticas de Claudio Santoro, a partir de sua correspondência pessoal (Gomes, 2007)</p> <p>Aspectos da recepção de savanas; de Almeida Prado: um estudo semiológico (Spoladore, 2009)</p> <p>O imaginário e a recepção na música vocal de Claude Debussy: um estudo de caso (Heyn, 2015)</p> <p>Orquestra de cordas na sala de aula: O Método Recepcional no Ensino de Música do Instituto Federal de Santa Catarina (Costa, 2016)</p>	<p>Considerações teóricas para uma abordagem sobre o sujeito da recepção na música nas transformações da sensibilidade musical (Galesso; Castro, 2006)</p> <p>Por uma Nova Musicologia (Volpe, 2007)</p> <p>A dodecafonía sobre -com Balzac e Proust - os degraus ao paraíso (Dottori, 2007)</p> <p>Em defesa de uma estética da recepção musical (Carneiro, 2014)</p> <p>Musicologia e a estética da recepção (Heyn; Unes, 2014)</p>

3 SOBRE AS TESES FUNDAMENTAIS DE JAUSS

Antes de Jauss lançar a primeira edição de seu livro *A história da literatura como provocação à teoria literária* em 1969, o método de análise das ciências humanas era, dentre outros, o estruturalismo, o qual ganhou destaque no século XX. Esse método consiste em uma investigação minuciosa de uma obra, analisando suas diversas partes. Como exemplificou Joseph Hrabák na epígrafe de uma antologia de trabalhos do Círculo Linguístico de Praga,

organizada por Paul Garvin, “O estruturalismo(..) é um ponto de vista epistemológico. Parte da observação de que todo conceito num dado sistema é determinado por todos os outros conceitos do mesmo sistema, e nada significa por si próprio” (Garvin, 1964, p. 8). Ou seja, ao ler um livro, o leitor irá investigar todas as partes e conceitos de uma obra, determinando se este apreciará ou não a leitura. Jauss divergia tanto do estruturalismo teórico quanto das correntes marxistas e formalistas, optando por desenvolver sua própria abordagem: a estética da recepção. No artigo *Horizonte de expectativas pós 11 de setembro: a experiência de leitura em "Extremamente alto e incrivelmente perto"*, Marina Pereira Penteado (2017) discute as diferentes abordagens teóricas da literatura. Segundo a autora, a corrente marxista compreendia a literatura como um reflexo da realidade, priorizando elementos externos à obra, enquanto a corrente formalista valorizava os aspectos internos do texto, desconsiderando condicionamentos externos e defendendo a imanência da obra (Penteado, 2017). Para Jauss, essas teorias desconsideram a historicidade das obras e o efeito delas sobre o leitor, colocando-o em segundo plano. Segundo o escritor ambos os métodos “ignoram o leitor em seu papel genuíno, imprescindível tanto para o conhecimento estético quanto para o histórico: o papel do destinatário a quem, primordialmente, a obra literária visa” (Jauss, 1994, p. 23). Conforme Jauss, a relação entre literatura e leitor envolve a estética e a histórica. No que diz respeito à estética, essa relação é estabelecida por meio da comparação da obra em questão com outras previamente lidas, permitindo ao leitor formar referências e apreciar diferentes perspectivas artísticas. Já a dimensão histórica sugere que, em um processo contínuo de recepção, as visões dos primeiros leitores podem ser transmitidas e enriquecidas de geração em geração (ibid., p. 23). Isso significa que um livro que se torna um clássico tem o potencial de ser apreciado por pessoas de diferentes idades, mantendo seu valor ao longo do tempo.

Jauss apresenta os fundamentos de sua estética em sete teses. A primeira tese aborda a historicidade da obra, destacando que sua relevância não está necessariamente ligada a uma sequência factual de acontecimentos, mas sim à sua recepção pelos leitores ao longo do tempo. Uma obra só continua a fazer sentido se dialogar com as novas gerações, e não apenas por seu contexto histórico (ibid., p. 24-26). Na segunda tese, Jauss enfatiza o papel do horizonte de expectativas na recepção do leitor. O horizonte de expectativas é determinado pelas obras previamente lidas, experiências de vida, classe social e leituras anteriores do mesmo gênero literário. Esses fatores são cruciais para a interpretação e apreciação da obra, sendo um dos pilares fundamentais de sua teoria (ibid., p. 27-30). A terceira tese discorre sobre a capacidade de uma obra em quebrar o horizonte de expectativas do leitor. Uma grande obra é aquela capaz

de provocar um novo cânone estético e transcender barreiras temporais, mantendo-se relevante e interessante ao longo do tempo. Jauss ilustra esse ponto com o exemplo de "Madame Bovary" de Gustave Flaubert, publicado em 1857, que mesmo tratando de um assunto aparentemente trivial e já bastante explorado, como o adultério, continua a dialogar com os leitores até os dias de hoje (ibid., p. 31-34). A quarta tese aborda a relação entre a época de publicação de uma obra e o horizonte de expectativas dos leitores daquela época. A historicidade da obra está relacionada às diferentes possibilidades de interpretação ao longo do tempo, tanto no passado quanto no presente (ibid., p. 35-40). Na quinta tese, Jauss explora o fator diacrônico ou histórico das obras, o qual se refere à sua recepção ao longo do tempo e seu valor em diferentes contextos histórico-culturais (ibid., p. 41-45). A sexta tese investiga o fator sincrônico entre obras do mesmo gênero, produzidas na mesma época, e que influenciaram e provocaram mudanças na literatura. Nesse contexto, Jauss analisa as relações entre obras contemporâneas e como elas contribuíram para a evolução do campo literário (ibid., p. 46-49). E, por fim, na sétima tese, Jauss trata dos paralelos entre literatura e vida social, sendo assim:

De tudo isso, conclui-se que se deve buscar a contribuição específica da literatura para a vida social precisamente onde a literatura não se esgota na função de uma arte da representação. Focalizando-se aqueles momentos de sua história nos quais obras literárias provocaram a derrocada de tabus da moral dominante ou ofereceram ao leitor novas soluções para a casuística moral de sua práxis de vida (Jauss, 1994, p.57).

Por fim, Jauss trata de três conceitos fundamentais para a estética da recepção em seu livro "*O prazer estético e as experiências fundamentais da Poiesis, Aisthesis e Katharsis*" de 1979. A *poiesis* advém do grego, *poiein*, criar, com sufixo -sis referente a ação. Trata-se do aspecto criativo/idiossincrático da experiência estética, relacionada também com o prazer do receptor ao sentir-se como coautor da obra. Como é pontuado no artigo *Historicizando a estética do desejo: Uma busca do prazer (perdido) do texto*:

Jauss estabelece sua noção de poíesis, a partir da noção de criação artística, como força capaz de retirar a estranheza do mundo, num processo no qual o sujeito se torna capaz da produção de conhecimento conceitual, distinto tanto da verdade científica quanto da atividade meramente mimética de reprodução (Murashima; Geordane, 2014, p. 5- 6).

Na *aisthesis*, que significa percepção em grego, remete a um novo conhecimento adquirido com a criação literária. Diz respeito ao prazer obtido quando, ao ler um novo livro, o horizonte de expectativas se amplia ou renova, A *katharsis* aborda os afetos ao contemplar novas ideias e visões de mundo (Jauss, 2011). Assim, exemplificado por Jauss:

A poiesis é o prazer ante a obra que nós mesmos realizamos;[...] a aisthesis designa o prazer estético da percepção reconhecidora e do reconhecimento perceptivo, ou seja,

um conhecimento através da experiência e da percepção sensíveis; [...] e a katharsis é o prazer dos afetos provocados pelo discurso ou pela poesia, capaz de conduzir o ouvinte e o telespectador tanto a transformação de suas convicções, quanto à liberação de sua psique (Jauss, 2011, p. 100-101).

4 DISCUSSÕES REALIZADAS NA LITERATURA

As discussões propostas por Jauss foram muito importantes e impactantes para os estudos acadêmicos da área de literatura, especialmente na Alemanha, causando uma revolução epistemológica ao colocar o leitor como essencial para a obra. Entretanto, a teoria de Jauss recebeu críticas e gerou controvérsias, como resume Lima⁵:

(1) Os textos “literários” não são lidos, via de regra, com o propósito de orientar a ação social dos seus leitores (embora não se possa negar a influência da leitura sobre a ação dos leitores, o que deve ser levado em conta também na avaliação das proposições seguintes)

(2) é impossível determinar, com precisão metodológica, a função, isto é, o grau de participação da recepção de textos “literários” na ação social dos leitores (...);

(3) é lícito suspeitar no endosso desta tese, a presença de interesses ideológicos, a saber da legitimação ideológica da profissão acadêmica (esta última proposição não foi formulada de forma tão inequívoca por Gumbrecht) (Gumbrecht, 1975 *apud* Lima, 2011, p. 168).

Sendo assim, as abordagens e discussões realizadas na literatura após a proposta de Jauss foram divididas entre contrários e favoráveis à sua teoria da Estética da Recepção. No âmbito acadêmico da área de letras, a abordagem de Estética da Recepção proposta pelo autor está presente em artigos, dissertações e teses. Essas discussões, de maneira geral, percorrem por dois caminhos principais: (1) o uso da corrente literária de Jauss nas aulas de literatura, e (2) análises de obras e suas recepções.

No campo da literatura, no que tange ao primeiro assunto, a preocupação principal está em fazer com que os alunos sejam os protagonistas das aulas, dando voz a esses. O professor deve ser o mediador para que o horizonte de expectativas dos alunos comporte as experiências prévias do leitor e as novas, assim, os estudantes recebem bem os textos, gostando desses, e fazendo com que a aula seja produtiva. (e.g., Oliveira, 2012, Rodrigues, 2012, Almeida, 2012, Sampaio *et. al.*, 2019, Feitosa, 2016). Bruno Brizotto (2011) afirma em seu artigo *Duas abordagens para o ensino de literatura: leitura e estética da recepção* (2011), por exemplo, que, a partir do proposto na quarta tese, “pode-se, com as ideias da Estética da Recepção, dar

⁵ Em nota ao texto *Que significa a recepção os textos ficcionais* de Karlheinz Stierle (2011).

voz cada vez maior ao aluno, que se transformará cada vez mais em protagonista dos textos lidos” (Brizotto, 2011, p. 8). Para o autor, o professor desempenha o papel de mediador para que o horizonte de expectativas dos alunos englobe tanto suas experiências prévias de leitura quanto novas vivências literárias. Isso possibilita que os estudantes se aproximem dos textos de forma positiva, desenvolvendo um gosto pela leitura e tornando as aulas mais produtivas. Em sua conclusão, Brizotto destaca que os estudos realizados pela Estética da Recepção são extremamente relevantes e aplicáveis em sala de aula. Segundo o autor, as teses dessa abordagem, se interpretadas corretamente, podem ser empregadas de forma frutífera nas aulas de literatura (ibid., p. 20). Essa perspectiva reforça a importância do papel do professor como facilitador do processo de leitura, considerando as expectativas e experiências individuais dos alunos, e aplicando os princípios da Estética da Recepção para tornar as aulas de literatura mais envolventes e enriquecedoras.

Em relação à análise de obras literárias, é abordado a recepção que uma ou mais obras receberam na sociedade brasileira, podendo ter enfoque em um determinado estado, cidade ou no país. Os textos procuram compreender o que fez com que um determinado livro seja apreciado ou não, utilizando o conteúdo do exemplar, estilo, linguagem, ou sua tradução como também, o momento sociocultural e histórico do momento de lançamento (e.g., Góis, 2019; Siega, 2019; Pereira, 2012; Santos, 2018; Torres, 2014; Oliveira, 2010; Silva 2013^a; Silva, 2013b; Elias, 2015; Vidal, 2021; Martinaria, 2019; Rodrigues, 2013). No artigo *A recepção de Marcel Proust no Brasil: Uma perspectiva a partir da teoria de Jauss*, por exemplo, Furtado (2021) analisa a maneira como o romance *Em busca do tempo perdido*, do escritor francês Marcel Proust, foi recebido no Brasil pelos críticos do suplemento de Letras e Artes do jornal *A Manhã*. Na época das publicações analisadas, o Brasil estava fortemente influenciado pela cultura francesa, e os críticos e resenhistas do jornal tinham suas recepções e horizonte de expectativas moldados por essa influência literária e cultural. No contexto descrito, nenhum dos jornalistas fez críticas negativas ao livro de Proust. Essa recepção predominantemente positiva por parte dos críticos influenciou a percepção do público leitor brasileiro em relação à obra de Proust. Como observado por Furtado, as publicações do suplemento Letras e Artes com referência à *Em busca do tempo perdido* e a Marcel Proust são um registro essencial da recepção que o escritor francês teve no Brasil (Furtado, 2021). Esse estudo de recepção literária destaca como as influências culturais e as perspectivas dos críticos podem moldar a recepção de uma obra em um determinado contexto. Também demonstra como a teoria de Jauss, que enfoca o horizonte de expectativas dos leitores, pode ser aplicada para compreender e analisar a recepção

de obras literárias em diferentes contextos históricos e culturais. Algo semelhante foi feito na dissertação *A revista de cultura brasileira e a recepção de grande sertão: veredas (1962 – 2011)* de Barbosa (2012), no qual é analisado a recepção crítica de língua espanhola de Grande sertão: veredas de Guimarães Rosa, a partir de 1967.

Além disso, há discussões que abordam outros assuntos. Em sua tese *A estética Lobatiana em O Presidente negro ações e recepções*, Mota (2012) trata da questão racial presente no livro *O Presidente Negro*, de Monteiro Lobato, bem como sua recepção em um país historicamente e socialmente racista como o Brasil. Para a autora, Lobato não pode ser rotulado como um cidadão racista. A autora reconhece as dificuldades enfrentadas pela população negra tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos, onde a história do livro se passa. Ela argumenta que Lobato faz uma ironia com a ideia prevalente na época de que os negros eram tratados como objetos, desumanizados. No entanto, Mota ressalta que, com seu horizonte de experiência atual, não é possível determinar de forma definitiva se Lobato era racista ou não. Essa abordagem reconhece a complexidade e a evolução das discussões sobre racismo ao longo do tempo e destaca a importância de analisar as obras e a posição do autor dentro de seu contexto histórico.

Silva (2012), em *Um Estudo Sobre Os Ensaios Jornalísticos de Franklin de Oliveira: A Face De Uma Das Críticas Rosianas*, aborda os ensaios críticos literários populares no início do século XX, especialmente a contribuição de Franklin de Oliveira e seus ensaios sobre as três primeiras obras de Guimarães Rosa, usando de pressuposto teórico a Estética da Recepção de Jauss. O autor pontua que o crítico literário, antes de ser crítico, é também um leitor, compreendendo que não há análise totalmente imparcial, pois o crítico literário utilizará seu horizonte de expectativas ao formar sua crítica. Para Silva, cabe ao crítico “o papel fundamental de mediar entre o horizonte de expectativa do aparecimento de uma obra literária e aquele no qual ela é lida, oferecendo uma análise coerente para o público leitor da obra e de sua crítica” (Silva, 2012, p. 9).

A tese de Castillo (2016) intitulada *A Recepção Crítica de Nicanor Parra no Chile (1937-2010)* aborda a fortuna crítica do renomado autor chileno Nicanor Parra, com destaque para sua recepção antes e depois de receber o Prêmio Nacional de Literatura do Chile em 1969. A análise é realizada a partir dos conceitos da teoria da recepção. O autor ressalta que, apesar de existirem diversas obras que analisam a produção de um escritor específico, estudos sobre a fortuna crítica de um autor, especialmente de um autor latino-americano, são geralmente escassos, o que confere importância ao presente artigo. De acordo com Castillo, os principais

conceitos e teorias desenvolvidos por Jauss foram fundamentais para a recepção de Parra no Chile. A autora destaca que a literatura desempenha um papel ativo na formação crítica dos leitores chilenos e enfatiza a importância da obra de Parra nesse contexto. A antipoesia praticada por Parra, que renega a tradição literária e ironiza a vida burguesa, é considerada essencial nesse processo. Essa pesquisa ressalta como a teoria da recepção, com suas abordagens sobre o papel ativo do leitor na interpretação e na formação do sentido da obra literária, pode ser aplicada no estudo da recepção crítica de um autor específico. Além disso, destaca a relevância da literatura como agente transformador e crítico da realidade, como no caso da obra de Parra, que desafia as convenções literárias e sociais.

O artigo intitulado *Análise de poesia em Libras com base na teoria de experiência estética de Jauss*, de Lopes *et. al.* (2022), apresenta uma análise do poema *Farol da Barra*, do poeta surdo Maurício Barreto, com o objetivo de estabelecer uma analogia entre as teses de Jauss e as ideias presentes no poema. Os autores utilizam as três concepções propostas por Jauss - *poiesis*, *aisthesis* e *katharsis* - para essa análise. Os resultados do estudo indicam que as poesias e literaturas surdas podem ser analisadas com base nas teorias de Jauss, assim como ocorre com a literatura não surda. Essa abordagem permite compreender e interpretar a experiência estética proporcionada por essas produções literárias, considerando tanto a criação poética quanto a experiência sensorial e a potencialidade transformadora da obra. Ao aplicar a teoria de Jauss à análise de poesia em Libras, os autores contribuem para a ampliação do escopo da estética da recepção, mostrando sua aplicabilidade em contextos literários diversos, como a literatura surda. Essa perspectiva enriquece o entendimento da diversidade e da riqueza das produções literárias, ampliando o campo de estudos e proporcionando uma maior inclusão e valorização das vozes literárias marginalizadas.

5 DISCUSSÕES REALIZADAS NA MÚSICA

Indubitavelmente, os artigos nacionais encontrados na área da música que tratam sobre a vertente da estética da recepção proposta por Jauss no âmbito da estética musical são menos expressivos quantitativamente se compararmos com a área da literatura. Em sua grande maioria, tais estudos buscam apresentar a relevância deste conhecimento interdisciplinar na área da música, principalmente no que tange à ampliação da análise musical, objeto de estudo da musicologia histórica. Anteriormente focada no texto musical (a partitura) e em abordagens

mais positivistas e estruturais, a musicologia histórica atual tem ampliado seu campo teórico-conceitual, bem como seu discurso historiográfico-musical no Brasil (Volpe, 2007). Neste domínio, Carneiro (2014) observa que os modelos de análise musical usualmente não ultrapassam os limites do texto da partitura, limitando-se a descrever apenas um dos polos da situação comunicativa. Para o autor, a preocupação exclusiva com a sintaxe musical presente na partitura não é suficiente para prefigurar a complexidade envolvida na dinâmica do processo de recepção musical, e a perspectiva proposta por Jauss contribui para uma maior compreensão de como os signos musicais ganham sentido ao serem atualizados pelo fruidor através de sua experiência estética. Nesse sentido, Hey e Unes (2014) defendem a estética da recepção proposta por Jauss como uma ferramenta para romper paradigmas tradicionais, estruturais e monoteístas na análise musical, abarcando questões voltadas não apenas para a obra em si, mas para o imaginário e as significações de cada receptor frente a esta obra. Galesso e Castro (2006), por exemplo, compreendem haver, assim como na literatura, uma indissociabilidade na relação autor/obra/público na estética da recepção musical:

Ambos, o efeito – enquanto momento condicionado pela música, e a recepção – enquanto momento condicionado pelo destinatário, concretizam o sentido como duplo horizonte: o interno à música, implicado pela obra apresentada, e o mundivivencial (*lebensweltlich*) que é trazido pelo ouvinte de uma determinada sociedade. O discernimento de como se encadeiam a expectativa e a experiência permite investigar um momento de nova significação para o produto artístico (Galesso; Castro, 2006, p. 928).

Nessa perspectiva, o tema de maior interesse por parte dos pesquisadores musicais brasileiros tem sido a análise de obras musicais criadas por compositores de música de concerto que possuem renome nacional e internacional, vislumbrando como tais obras são recebidas a partir da perspectiva do ouvinte e de seus significados gerados. Spoladore (2009) investigou, por exemplo, os aspectos da recepção na obra *As Savanas* de Almeida Prado, realizando entrevistas junto aos receptores para construir suas reflexões com base no conceito de horizonte de expectativas proposto por Jauss. Durante o processo de recepção da gravação, o pesquisador efetivou audições com um grupo de 20 alunos da classe de análise musical e 13 alunos da classe de composição musical. Os procedimentos de audição foram realizados em 3 etapas: (a) etapa 1: Os ouvintes receberam uma folha em branco de maneira a escrever suas impressões sobre a obra sem ter quaisquer informações sobre esta; (b) etapa 2: os ouvintes foram submetidos a uma nova escuta da obra, agora contendo informações sobre o compositor, o ano de composição da obra e alguns esclarecimentos sobre sua estrutura; e (c) etapa 3: realização de uma terceira audição, agora com o conhecimento do título da obra e de seus movimentos, bem como

informações sobre a utilização de melodias africanas aplicadas pelo compositor. As primeiras observações muitas vezes estavam ligadas as relações musicais de altura, forma e ritmo; e somente na etapa 3 (após os ouvintes tomarem ciência do nome da obra e do material musical africano utilizado) a correspondência com a África foi percebida e descrita, isto é, a percepção da obra modificou-se na medida em que o pesquisador alterou o acervo de conhecimento dos ouvintes. O autor concluiu, a partir deste experimento, que “a quantidade de informações fornecidas a respeito de uma obra musical ou o seu teor é fator condicionante de sua recepção” (Spoladore, 2009, p. 93).

Em outro estudo, a pesquisadora Luma Heyn (2015) investigou o imaginário e a recepção na música vocal de Claude Debussy. Em defesa de um estudo simbólico que extrapole análises focadas puramente no fenômeno sonoro (como a análise Schenkeriana, por exemplo), a autora, baseada em sua própria recepção, realizou uma interpretação sobre a obra *C'est l'extase langoureuse*, composição publicada em 1887 sobre a poesia de Verlaine de mesmo título. Unindo a análise musical com os aspectos simbólicos da obra, a autora, a partir da perspectiva da semântica das imagens proposta por Durand (2007), construiu uma interpretação simbólica sobre a obra do compositor. A pesquisadora sustentou sua interpretação a partir da premissa de Jauss de que o leitor (neste caso o analista musical) torna-se parte integral da obra ao expor sua própria experiência durante o processo de leitura. Assim como na literatura, a obra musical sempre se atualiza a cada nova escuta e a cada novo sujeito que a recebe. Nesse sentido, a autora defendeu que, a partir do estudo simbólico de uma obra musical, cada intérprete construa sua própria interpretação, “podendo ressignificá-la de acordo com seu capital cultural e idiossincrasias” (Heyn, 2015, p. 111).

A pesquisadora Gomes (2007) realizou um estudo sobre a mediação entre música e sociedade, efetivando uma análise das perspectivas ideológicas e estéticas do compositor Claudio Santoro a partir da leitura de sua correspondência pessoal⁶. Tendo como base o conceito de horizonte de expectativa proposto por Jauss, bem como o efeito e significado da música para o ouvinte por meio da experiência estética de *Karthisis*, *Poiesis* e *Aisthesis*, a autora realizou diversas reflexões e inferências sobre a relação Santoro, sua obra e seu público. A autora conjecturou, por exemplo, que o compositor possivelmente tinha consciência dos modos como seu público recebia sua obra (ou seja, seus horizontes de expectativa),

⁶ A correspondência pessoal de Claudio Santoro faz parte dos documentos pertencentes ao Centro de Estudos Musicológicos – Acervo Claudio Santoro – no Departamento de Música da Universidade de Brasília (GOMES, 2007).

possibilitando, assim, com que este atendesse as expectativas de seus ouvintes, porém sem deixar de ampliá-las. A pesquisadora observou que Santoro, em diversos momentos de sua carreira, demonstrava preocupação com seu público, e buscou transmitir sua música e seu posicionamento estético-ideológico a uma camada mais ampla da sociedade, fato que infelizmente não se concretizou.

Em uma análise sobre os pressupostos perceptivos e cognitivos que fundamentam a organização didática das espécies presentes no livro *Gradus ad Parnassum* escrito por Fux em 1725, e suas aplicações na música dodecafônica proposta por Schoenberg (1874-1951), Dottori (2007) utilizou-se da concepção de horizonte de expectativa para elucidar aspectos referentes à escuta de nosso tempo. Segundo o autor, nossa contemporaneidade dispensou o dogma modernista do rigor formal da composição e a garantia de inteligibilidade da obra. Nesse sentido, para o autor, atualmente não é possível estabelecermos um horizonte de expectativa em seu aspecto social e compartilhado (recepção coletiva), visto que “não existe para a música, como existe segundo Jauss na literatura, numa dada sociedade, num dado momento, um só horizonte de expectativa para o conjunto de seus membros” (Dottori, 2007, p. 42). Para o autor, se até o século XX o horizonte de expectativa (ou melhor, sua ruptura), gerou encadeamentos que constituíram a fonte da história da música, em nossa contemporaneidade é apenas “possível aceitarmos o conceito de horizonte de expectativa, desde que ressalvado que este é paradoxalmente indissociável, por um lado, da obra individual, do horizonte desta, e por outro lado, das possibilidades cognitivas do homem” (ibid., p. 42).

Por fim, elencamos um estudo realizado no âmbito da educação musical brasileira que investigou o processo de modificação do horizonte de expectativa para fins didáticos. Costa (2016), perscrutou como o horizonte de expectativa de uma turma de música da terceira fase dos Cursos Técnicos Integrados do Instituto Federal de Santa Catarina – Campus Florianópolis, pode se modificar mediante a realização de uma proposta pedagógica fundamentada no Método Recepcional. O pesquisador buscou, por meio de um questionário diagnóstico, compreender um pouco das experiências e vivências musicais do grupo investigado (preferências de estilos musicais, locais onde costumam ouvir música etc.) com o intuito de realizar uma sondagem do horizonte de expectativa dos alunos. Após algumas reuniões nas quais, pedagogicamente, efetivou atividades musicais que atendessem tais horizontes (por meio da utilização de um repertório que apresentava características semelhantes às músicas usualmente ouvidas pelo grupo), o autor buscou, em um dos encontros, romper com tal horizonte. Contudo, ao invés de

se utilizar de um repertório diferenciado que empregasse elementos sonoros considerados novos para os participantes, o autor realizou uma aula ilustrada, onde a Orquestra Acadêmica da UDESC tocou, majoritariamente, o repertório trabalho em classe, possibilitando aos alunos atuar e tocar uma das canções ensaiadas junto com a orquestra. Segundo o pesquisador, a presença da orquestra na sala surpreendeu a turma de várias maneiras, incluindo desde novas percepções sonoras (timbres, dinâmicas, intensidade, harmonia, andamento etc.) à experiência de ver e tocar pela primeira vez junto a profissionais (e instrumentos) até então ausentes em seus cotidianos. Segundo o autor, tal atividade não apenas rompeu, mas alargou o horizonte de expectativa de expectativa dos participantes. A tomada de consciência levada a cabo através das transformações ocorridas ao longo do processo levou os participantes a enxergarem novas possibilidades, concretizando novos desejos, pretensões e objetivos (por exemplo, interesse pela música erudita, em aprender instrumentos de orquestra etc.). Como apontam os resultados deste estudo, além de questões relacionadas à inserção do novo, a ampliação do horizonte de expectativa pode ocorrer através das novas significações ocorridas durante o processo pedagógico.

6 DISCUSSÃO SOBRE A LITERATURA INVESTIGADA

Com base na literatura apresentada, é possível constatar que o “texto sonoro” é capaz de gerar significados, e que tais significados estão sujeitos a interferências e influências similares ao texto literário. Jauss defendia que o horizonte de expectativas de um leitor, ou seja, suas experiências, conhecimentos e leituras prévias, além de suas ideias e visões de mundo, impactam diretamente na apreciação de um livro. Na música, constatamos tal tese a partir do histórico de escuta, familiaridade e conhecimento prévio dos ouvintes. Como argumenta Ribas (2013), a música, assim como a linguagem, é um sistema que se desenvolve historicamente, com características que são acumuladas através do registro, estudo e estabelecimento de padrões. Esses padrões musicais são apresentados, situados e imersos culturalmente na vida dos indivíduos. Portanto, assim como apontado por Carneiro (2014), Hey e Unes (2014) e Galesso e Castro (2006), não é possível separar a relação entre a obra musical e o público quando se trata de sua recepção. Da mesma forma que na literatura, a recepção de uma obra musical está intrinsecamente ligada à interação entre esses dois agentes. No âmbito da educação literária/musical, por exemplo, tantos os pesquisadores da literatura (Oliveira, 2012; Rodrigues, 2012; Almeida, 2012; Sampaio *et. al.*, 2019), quanto Costa (2016), na área da música, sustentam que é essencial considerar os gostos e as expectativas prévias dos alunos para introduzi-los a

novas obras a fim de permitir uma apreciação mais significativa. Dessa forma, tanto o leitor musical quanto o leitor de obras literárias estão sujeitos à processos pedagógicos similares. Além disso, na análise de obras e autores, Castillo (2016), Lopes *et. al.* (2022) e Heyn (2015), defendem que, a partir da leitura de obras musicais e literárias, cada intérprete construa sua própria interpretação, conferindo-lhes um caráter subjetivo e individual.

A observação de Dottori (2007) sobre a diferença entre o horizonte de expectativa no campo da música e aquele proposto por Jauss na literatura, é, na verdade, uma reflexão crítica sobre o pensamento modernista presente em ambas as áreas. A condição moderna pressupõe, por exemplo, a ideia de inovação, formalismo, progresso, ou seja, a concepção de um caminho delimitado para a criação de uma obra artística, o qual é compartilhado cognoscitivamente pelos membros de uma dada sociedade (e.g., Dell`antonio, 2014; Cary, 2011). É dentro deste contexto que Jauss defende que os leitores são influenciados pelo horizonte de expectativa de sua sociedade e época, o que afeta a compreensão e interpretação das obras literárias. O autor argumenta que as obras de literatura são lidas dentro de um horizonte de expectativa compartilhado, e é a partir dessa perspectiva coletiva que o significado das obras é construído. Contudo, na condição pós-moderna ocorre um movimento de relativização do conceito de arte e um questionamento de uma verdade objetiva ou universal. Alguns pensadores do pós-modernismo, por exemplo, têm acusado uma impossibilidade de uma arte de vanguarda (e.g., Bauman, 2007; Cary, 2011) uma vez que o fazer artístico contemporâneo está pautado no ecletismo, na multiplicidade estética, na subjetividade, na liberdade, nas regras flexíveis e capazes de mudar a todo instante, bem como na atenção voltada às questões de gênero, raça, étnicas e multiculturais. É dentro deste contexto que Dottori (2007) defende, no campo da música, que cada obra contemporânea apresenta seu próprio horizonte de expectativa, ou seja, o seu mundo sonoro subjetivo, pouco relacionado a obras anteriores e sem a garantia de inteligibilidade. Fato similar no campo da literatura, onde autores como Barthes (1968), por exemplo, tratam sobre a natureza subjetiva da realidade e a multiplicidade de perspectivas literárias (Barthes, 1977).

A partir destas perspectivas, podemos atribuir similaridades nos processos de recepção musical e literária. Não acidentalmente, Eco (1979), em *The role of the Reader* explora as relações entre autor, texto e leitor utilizando-se de exemplos de obras musicais de compositores como Stockhausen, Luciano Berio, Henri Pousseus e Pierrri Boulez. Na perspectiva proposta por Jauss discutida pelos autores aqui citados, os receptores musicais compartilham processos

similares de horizontes de expectativas, bem como as categorias de *poiesis*, *aisthesis* e *karthasis*. Assim como na literatura, o ouvinte experiencia a obra musical de maneira idiossincrática e subjetiva (*poiesis*), percebe e reconhece seus elementos sonoros (*aisthesis*), frui e sente prazer ao senti-la (*karthasis*). Seu repertório de escuta também possibilita um horizonte de expectativas ao presenciar uma nova obra, relacionando e atualizando sua escuta atual com seu histórico de escutas.

É possível, portanto, evidenciarmos uma estética da recepção musical conforme a proposta alvitrada por Jauss, e o leitor de uma obra musical está sujeito a interferências e influências similares de um leitor de uma obra literária. Algumas das teses de Jauss aqui abordadas, originalmente propostas no campo da literatura, podem ser aplicáveis similarmente no campo da música, levando-se em consideração que estas estão sujeitas a críticas que variam de acordo com o pensamento moderno ou pós-moderno adotado em qualquer um desses domínios do conhecimento.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho apresentou evidências bibliográficas de que tanto a estética musical quanto a literária destacam o papel ativo dos receptores, a importância do contexto de recepção e a influência do horizonte de expectativas dos receptores. Em ambas as formas artísticas, os receptores não são meros agentes passivos, mas indivíduos que atribuem significados, emoções e respostas estéticas às obras. Os autores supracitados evidenciam que tanto a música quanto a literatura são similarmente sensíveis ao contexto sociocultural e histórico. Valores culturais, normas estéticas e experiências pessoais influenciam a leitura e a audição das obras, influenciando a resposta estética dos receptores.

Embora literatura e música sejam formas artísticas distintas, a experiência estética literária e musical evidenciada através dos textos aqui analisados compartilham semelhanças fundamentais. Essas semelhanças demonstram a relevância da abordagem de Jauss na área da música, sugerindo um campo promissor para investigações estéticas musicais que se baseiem nas obras deste autor literário. Considerando as convergências entre as estéticas musical e literária na teoria da estética da recepção, é possível explorar novos campos de pesquisa que englobem a interseção entre as duas formas artísticas, enriquecendo assim nosso entendimento sobre a recepção estética e o papel ativo do sujeito tanto na apreciação musical quanto literária.

8 REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W.; GILLESPIE, S. **Music, Language, and Composition**. The Musical Quarterly, v. 77, n. 3, p. 401-414, 1993.

ALMEIDA, V. D. de. O otimismo na poesia de Augusto dos Anjos. Miguilim - **Revista Eletrônica Do Netlli**, v. 2, n. 2, p. 111–129, 2013.

BARTHES, R. **Writing Degree Zero**. New York: Hill e Wang, 1977.

BAUMAN, Z. **Arte, líquido?** Buenos Aires: Sequitur, 2007.

BRIZOTTO, B. Duas abordagens para o ensino de literatura: leitura e estética da recepção. **Revista Fronteira Digital**, n. 3, p. 1-22, 2011.

CARNEIRO, P. Em defesa de uma estética da recepção musical. **VII World Congress on Communication and Arts**, Vila Real, anais [...], 2014.

CARY, R. **Critical art pedagogy: Foundations for postmodern art education**. New York: Routledge, 2011.

CASTILLO, J. F. T. **A recepção crítica de Nicanor Parra no Chile (1937-2010)**. 2016. 181 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Literatura) - Universidade Federal de São Carlos, 2016.

CLARK, A. Is Music a Language? **The Journal of Aesthetics and Art Criticism**, v. 41, n. 2, p. 195-204, 1982.

COSTA, R. A. **Orquestra de cordas na sala de aula: O Método Recepcional no Ensino de Música do Instituto Federal de Santa Catarina**. 2016. 107 f. Dissertação (Mestrado em Artes) - Universidade do Estado de Santa Catarina, 2016.

COSTA, R. Reflexões Sobre a Crise de Comunicabilidade da Música Contemporânea: a Música é Linguagem? O Que Deve Comunicar a Música? **Revista Música Hodie**, v. 4, n. 1, p. 75-90, 2004.

DELL'ANTONIO, A. Beyond Structural Listening? In: DELL'ANTONIO, A. (Ed.). **Beyond Structural Listening? Postmodern Modes of Hearing**. Los Angeles: University of California Press, p. 1-12, 2004.

DOTTORI, M. A dodecafonia sobe - com Balzac e Proust - os degraus ao paraíso. **Ictus**, n. 3, p. 37-48, 2007.

DURAND, G. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2007.

ECO, U. **The role of the reader**. Bloomington: Indiana University Press, 1979.

ELIAS, I. M. S. **A narrativa de Odette de Barros Mott e a formação do subsistema juvenil na literatura brasileira.** 2015. 217 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Maringá, 2015.

FEITOSA, W. M. **A leitura literária no 9º ano do ensino fundamental à luz da estética da recepção.** 2016. 115 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS), Universidade Federal de Campina Grande, 2016.

FURTADO, H. D. A Recepção de Marcel Proust no Brasil: uma perspectiva a partir da teoria de Jauss. **Revista Saridh – Linguagem e Discurso**, v. 3, n. 2, p. 21–21, 2021.

GALESSO, D.; CASTRO, B. M. **Considerações teóricas para uma abordagem sobre o sujeito da recepção na música nas transformações da sensibilidade musical.** XVI Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música, Brasília, anais [...], 2006.

GARVIN, P. L. **A Prague school reader on esthetics, literary structure, and style.** [s.l.] Washington: Georgetown University Press, 1964.

GÓIS, E. Por uma anatomia do gesto literário: design de si e exercício crítico em Laura Erber. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 57, online, 2019.

GOMES, M. C. **Mediação música e sociedade:** uma análise das perspectivas ideológicas e estéticas de Claudio Santoro, a partir de sua correspondência pessoal. 2007. 112 f. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade de Brasília, 2007.

HEYN, L. **O imaginário e a recepção na música vocal de Claude Debussy:** um estudo de caso. 2015. 119 f. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade de Goiânia, 2015.

HEYN, L.; UNES, W. **Musicologia e a estética da recepção.** XXIV Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música, São Paulo, anais [...], 2014.

JAUSS, H. R. **A História da Literatura como Provocação à Teoria Literária.** São Paulo: Editora Ártica, 1994.

JAUSS, H. R. O prazer estético e as experiências fundamentais de Poiesis, Aisthesis e Katharsis. In: LIMA, L. C. **A literatura e o leitor: textos da estética da recepção.** São Paulo: Paz e Terra, 2011.

KIVY, P. **Music, language, and cognition:** and other essays in the aesthetics of music. Oxford: Clarendon Press, 2007.

LEFFA, V. J. **Aspectos da Leitura:** Uma Perspectiva Psicolinguística. Porto Alegre: Sagra – D. C. Luzzato Editores, 1996.

LIMA, L. C. **A Literatura e o Leitor:** Textos da Estética da Recepção. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

LOPES, S. M.; BARBOSA, N. M. C.; OLIVEIRA, L. de. Análise de poesia em Libras com base na teoria de experiência estética de Jauss. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 65, p. 1-10, 2022.

MARTINARIA, M. C. A tradução como particular experiência de leitura: Triz, de Pedro Süsserkind. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 57, p. 1-7, 2019.

MOTA, M. M. **A estética lobatiana em O presidente negro**: ações e recepções. 2012. 154 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) - Universidade Federal de Brasília, 2012.

MURASHIMA, M. L.; GEORDANE, M. H. R. Historicizando a estética do desejo: uma busca do prazer (perdido) do texto. **Principia**, n. 28, p. 1-7, 2014.

OLIVEIRA, A. V. **Idade média e modernidade**: a recepção crítica e criativa das cantigas do mar de vigo. 2010. Dissertação (Mestrado em Literatura Portuguesa) - Universidade de São Paulo, 2010.

OLIVEIRA, M. R. de. **Poesia infantil e juvenil brasileira**: Transformações e deslimites. 2012. 125 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) - Universidade Federal de Goiás, 2012.

PATEL, A. D. Language, music, syntax and the brain. **Nature Neuroscience**, v. 6, n. 7, p. 674-681, 2003.

PENTEADO, M. P. Horizonte de expectativa pós 11 de setembro: a experiência de leitura em extremamente alto & incrivelmente perto. **Revista dEsEnrEdoS**, n. 26, p. 1-18, 2017.

PLATÃO. **A república**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1949.

PEREIRA, I. L. **Estilo e linguagem na recepção crítica de “Grande sertão: veredas”**. 2012. 85 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Pará, 2012.

RIBAS, V. M. **A escuta da nota ao inconsciente**: interseções entre a música e a teoria psicanalítica. 2014. 57 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, 2014.

RODRIGUES, L. M. M. **Leitores e leitoras de “Corações solitários”** - alternativas para a abordagem de conto em sala de aula. 2012. 118 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Campina Grande, 2012.

RODRIGUES, G. R. **A recepção da tragédia Antígona, de Sófocles, na montagem de Luiz Paulo Vasconcellos**. 2013. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2013.

SAMPAIO, L. P.; DA SILVA, E. D.; DUFFÉA, L. Ensino médio, o leitor e a literatura: os vários sentidos da teoria da recepção. **Práxis Educacional**, v. 15, n. 35, p. 128, 2019.

SIEGA, P. R. Decameron de Pier Paolo Pasolini: da prosa medieval ao roteiro cinematográfico. **Alea: Estudos Neolatinos**, v. 14, n. 2, p. 201-216, 2012.

SILVIA, E. F. R. da. **Um estudo sobre os ensaios jornalísticos de Franklin de Oliveira: a face de uma das críticas rosianas.** 2012. 107 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Pará, 2012.

SILVA, M. L. **A teoria da recepção e do efeito aplicadas ao texto literário de Machado de Assis e Edgar Allan Poe.** 2013. 126 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2013a.

SILVA, M. S. **A viagem do leitor entre a busca e o encontro: o efeito e a recepção em terra sonâmbula,** de Mia Couto. 2013, 130 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2013b.

SPOLADORE, M. C. **Aspectos da recepção de savanas de Almeida Prado: um estudo semiológico.** 2009. 101 f. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2009.

STIERLE, K. Que significa a recepção dos textos ficcionais. In: LIMA, L. C. **A literatura e o leitor: textos da estética da recepção.** São Paulo: Paz e Terra, 2011. p. 119-172.

TEMPERLEY, D. Music and Language. **Annual Review of Linguistics**, v. 8, n. 1, p. 153-170, 2022.

TORRES, T. L. R. **Os estudos da tradução e considerações sobre o processo tradutório de fragmentos de Ulysses, de James Joyce.** 2015. 75 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2014.

VIDAL, E F. **O grivo faz obra de atrovo: experiência estética em “Cara-de-Bronze”,** de João Guimarães Rosa. 2021. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Pará, 2021.

VOLPE, M. A. Por uma Nova Musicologia. **Música Em Contexto**, v. 1, n. 1, p. 107-122, 2007.

AGRADECIMENTOS (elemento opcional)

Os autores(as) deste artigo agradecem profundamente à equipe do grupo de Estudos sobre Criatividade em Música da Universidade Federal do Rio Grande pela contribuição dada a este estudo através das leituras, discussões e pareceres realizados. Da mesma forma, agradecemos à Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul pelo apoio e financiamento dado a este estudo.

Submetido: 28/06/2023

Aceito: 09/08/2024